

A pandemia de COVID-19 sob a perspectiva do sobredestinatório

COVID-19 pandemic from the viewpoint of the superaddressee

Décio Rocha*

*Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
e-mail: rochadm@uol.com.br

Resumo: Este trabalho foi metodologicamente concebido como um estudo de caso embasado em procedimentos cartográficos de pesquisa. Nele, temos por objetivo acompanhar a distribuição de enunciados referentes à pandemia de Covid-19 em dois cotidianos nacionais – uma edição de *O Globo* e uma da *Folha de S. Paulo*. O mapeamento de textos pertencentes a diferentes gêneros discursivos resultou no agrupamento de perfis diferenciados em função das forças que se atualizam nos periódicos: notícias que divulgam dados concernentes à pandemia; notícias que articulam crise sanitária, economia e forças governamentais, encontro que será ratificado pelo cotejamento com trechos de entrevistas realizadas com pesquisadores oriundos de diferentes campos de conhecimento; gêneros discursivos que se alteram e gêneros que se (re)criam, além de matérias que se tornam notícia unicamente em função da pandemia. Com a finalidade de redimensionar o tipo de resultados obtidos por meio da categorização das notícias em diferentes gêneros, procedeu-se, dois anos mais tarde, a um mesmo tipo de levantamento nos mesmos cotidianos, sendo então verificado que, em parte, a tipologia de notícias depreendida na primeira etapa de pesquisa parecia estar na estreita dependência do tema da Covid-19. A referida tipologia é uma das contribuições centrais do artigo, colocando em destaque a produtividade do dispositivo cartográfico para os estudos da linguagem. Uma outra contribuição reside na complexificação do quadro de coenunciadores, ao se depreender a imagem de um sobredestinatório - o terceiro sempre presente nas trocas verbais – cujo perfil antinegacionista dá provas de uma consciência ético-política com foco no plano coletivo.

Palavras-chave: Covid-19. Gênero discursivo. Sobredestinatório.

Abstract: This research was methodologically conceived as a case study grounded on cartographic procedures. We aim to monitor the distribution of statements referring to the Covid-19 pandemic in two Brazilian newspapers – one edition of *O Globo* and one of *Folha de S. Paulo*. The mapping of texts belonging to different discursive genres resulted in the grouping of different profiles according to the forces updated in the periodicals: news that discloses data concerning the pandemic; news articulating health crisis, economy and government forces, what will be ratified through a comparison with excerpts from interviews carried out by researchers from

different fields of knowledge; discursive genres that change and genres that are (re)created, in addition to articles that become news solely due to the pandemic. In order to resize the type of results obtained through the categorization of news into different genres, the same type of survey was carried out two years later, in the same newspapers, and it was then verified that, in part, the typologies of news gathered in the first stage of the research seemed to be closely dependent on the topic of Covid-19. The aforementioned typology of news is one of the central contributions of the paper, highlighting the productivity of the cartographic device in language studies. Another contribution lies in the complexification of the frame of co-enunciators, when inferring the image of a superaddressee - the third party always present in verbal exchanges - whose antinegationism gives evidence of an ethical-political consciousness focused on a collective level.

Key words: Covid-19. Discursive genre. Superaddressee.

... ninguém ousava solicitar maiores detalhes sobre a duração da epidemia ... Mas com o passar dos dias, começou-se a temer que essa desgraça não tivesse fim e, ao mesmo tempo, o término da epidemia se tornou o objeto de todas as esperanças. (Camus, *La Peste*, 1947. Tradução nossa)

INTRODUÇÃO

Com base em uma análise de textos da mídia, propõe-se neste artigo uma reflexão sobre a crise sanitária de Covid-19 compartilhada nos últimos anos por todo o planeta. A pesquisa foi concebida como um estudo de caso, sem qualquer pretensão de oferecer generalizações sobre o modo como as mídias enfrentaram o terrível desafio lançado no campo da saúde pública no país. Pretendeu-se exclusivamente cartografar o modo como se atualizou em seus primeiros momentos a crise sanitária que invadiu editoriais jornalísticos e reportagens televisivas. Por isso, escolheu-se trabalhar com a edição dominical impressa de 31/05/2020 de dois jornais de grande tiragem no país: *O Globo* (42 páginas) e *Folha de S. Paulo* (30 páginas).¹ Assim é que as matérias publicadas nos referidos veículos sobre o vírus e seus efeitos, em sua diversidade de gêneros textuais (notícias, entrevistas, publicidades etc.), foram agrupadas em diferentes perfis, em função dos diferentes modos de captação da presença da doença junto à população (isto é, junto

¹ Ao final de maio de 2020, era anunciado que já se chegava aos 500 mil casos de Covid-19 confirmados no Brasil, com quase 30.000 mortes.

aos leitores). O conceito analítico que subsidiou posteriormente uma leitura do *córpus*² foi o de sobredestinatário (Bakhtin, 1992[1979]),³ entendido como esse terceiro virtual a quem o enunciador se dirige em seu desejo de ter sua palavra compreendida e correspondida. Ao final da categorização dos diferentes tipos de matéria publicadas nos jornais, buscou-se recuperar uma imagem de sobredestinatário compatível com aquilo que os textos veiculavam como modo de presença da Covid-19 – uma presença que, para a finalidade desta investigação, se atualizava por meio da palavra.

A designação Covid-19, .acrônimo do inglês *coronavirus disease 2019*, refere-se à enfermidade infecciosa causada pelo vírus da síndrome respiratória aguda grave (SARS-CoV-2), identificada pela primeira vez em 2019 na cidade de Wuhan, China, “cujos sintomas podem incluir febre, tosse, dificuldades respiratórias e cansaço e que, em alguns casos, pode progredir para pneumonia ou falha respiratória” (Priberam, 2020). Por graves que sejam os resultados das estatísticas que apontam altos índices de propagação da doença no planeta, deve-se concordar que, para além do número de óbitos, os efeitos da pandemia são particularmente devastadores em função das alterações produzidas no dia a dia de todos: para dizer o mínimo, sintomas psicológicos como a angústia e a depressão, gerados pelo confinamento em tempos de quarentena; interferência nos hábitos cotidianos (novas práticas de higiene pessoal, desinfecção de produtos que se adquirem, porte de máscara etc.) e de novas regras de convívio social (estresse gerado pelo distanciamento de amigos e familiares e tentativa de compensação por meio de práticas interacionais cada vez mais frequentes nas redes sociais).

² Considerando a frequência de uso do termo na área dos estudos da linguagem, penso ser adequado contribuir para que “*córpus*” alcance sua “cidadania” em língua portuguesa, sendo dicionarizada em uma única forma no singular e no plural, a exemplo de “*vírus*”. Uma rápida busca da grafia “*córpus*”, no Google acadêmico, já nos indica ser essa uma iniciativa apoiada por muitos.

³ Após a menção da edição consultada e, se for o caso, do número da página, acrescento, entre colchetes, a data da primeira edição da obra em sua língua de origem.

DESENVOLVIMENTO: SOBRE GÊNEROS DO DISCURSO, SOBREDestinATÁRIO E CARTOGRAFIA COMO DISPOSITIVO DE PESQUISA

Para abordar, em artigos publicados nos dois jornais escolhidos, a crise sanitária que a todos inquieta desde 2020, recorreremos a um primeiro conceito que servirá de base à reflexão pretendida: o conceito de gênero do discurso. Dentre muitas possibilidades de teorização, retomamos Bakhtin, que sustenta que “... cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso*.” (Bakhtin, 1992, p.279[1979]). Trabalharemos com diversos perfis de enunciados reunidos na mídia impressa, considerando o jornal como um hipergênero, no sentido em que o define Maingueneau: “uma formatação com restrições fracas que pode recobrir gêneros muito diferentes” (Maingueneau, 2015, p.130[2014]). A diversidade de gêneros que se incluem, então, no hipergênero “jornal” compreende desde notícias de eventos do cotidiano, reportagens sobre temas polêmicos, entrevistas com personalidades do mundo das artes. Segundo será constatado, esses diferentes perfis de enunciados, que constituem gêneros diversos, encontrarão sua forma finalizada no confronto com a situação em que são produzidos, situação na qual a invasão da Covid-19 desempenha um papel não negligenciável, tendo em vista que “o gênero assume ... sua forma acabada nos traços particulares, contingentes e únicos, que definem cada situação vivida.”⁴ (Volóchinov, 1930:290-291). Tal confronto entre textos e situação na qual são projetados será determinante quando falarmos de gêneros que se deslocam (como ocorre em 3.4.1) ou de notícias que, tomando por tema coisas muito diferentes, também se distanciam de um perfil mais clássico (como em 3.4.2 e 3.4.3).

Um segundo conceito que servirá de apoio teórico a este trabalho é o conceito de sobredestinatário (Bakhtin, 1992, p.356[1979]). Trata-se de conceito que Bakhtin formulou e que, até o momento, parece ter inspirado poucos investimentos, a julgar pela

⁴ Le genre prend donc sa forme achevée dans les traits particuliers, contingents et uniques, qui définissent chaque situation vécue.

escassez de trabalhos que, na área, o tomam como ponto de apoio. Sua tradução é variável em língua portuguesa: além de sobredestinatário, fala-se também de superdestinatário e supradestinatário. O conceito é um desdobramento da natureza responsiva da palavra, que, como “ponte lançada entre mim e os outros” (Bakhtin, 1986, p.113[1929]), sempre quer ser ouvida. Com efeito, a palavra não pode ser entregue apenas a um destinatário imediato, cuja compreensão é sempre necessariamente parcial. Por isso, "em sua busca de uma compreensão responsiva, a palavra sempre vai mais longe" (Bakhtin, 1992, p.357[1979]), o que garante o exercício de uma das funções-chave do sobredestinatário - o poder de semioses indefinidas, possibilitando que textos como o literário tenham um interesse sempre renovado, em função de sucessivos deslocamentos no tempo (por exemplo, junto a um público não contemporâneo do autor) e/ou no espaço (no caso de um público não pertencente à sua comunidade imediata).

Finalmente, fazemos referência ao conceito que oferecerá o apoio metodológico à produção de um corpus para fins de análise: o conceito de cartografia, o qual se caracteriza como um dos princípios de funcionamento dos rizomas (Deleuze; Guattari, 1995, p. 21[1980]). Minuciosamente explorado em Passos, Kastrup e Escóssia (2010) e em Passos, Kastrup e Tedesco (2014), um sentido de cartografia é então oferecido pelos autores: a cartografia como “acompanhamento de percursos, implicação em processos de produção, conexão de redes ou rizomas” (Passos; Kastrup; Escóssia, 2010, p. 10; 2014, p. 9) e como “produção do plano de forças que responde pela criação / transformação da experiência” (Passos, Kastrup; Tedesco, 2014, p. 9). O referido conceito foi ainda (re)pensado no contexto dos estudos discursivos em Deusdará e Rocha (2021). Nesse sentido, a leitura que fazemos dos dois periódicos nesta pesquisa visa a explicitar o plano de forças subjacente ao trabalho de produção de redes que respondem pelos efeitos de sentido sobre a Covid-19 em um dado momento de sua presença no país.

DIVERSAS FACES DA COVID-19 NO TEXTO JORNALÍSTICO

Reúnem-se neste tópico diferentes formas de presença da Covid-19 nos textos jornalísticos produzidos como *cópus*. O que ora chamamos de “formas de presença da Covid” corresponde precisamente ao que, em consonância com procedimentos oriundos da cartografia, identificamos como resultante das forças apreendidas nas matérias publicadas. Após exaustiva leitura de todas as notícias de ambos os periódicos, explicitou-se uma rede que articulava quatro diferentes formas de presença da doença que abordaremos como se anuncia a seguir: em 3.1, notícias que objetivavam dados sobre os desenvolvimentos da doença; em 3.2, notícias que tematizavam a relação entre saúde, economia e governo; em 3.3, notícias que mimetizavam a onipresença do vírus e, finalmente, em 3.4 aquelas que, inaugurando novos gêneros discursivos e novas seções nos jornais, exibiam performativamente alterações promovidas pela doença na vida do planeta. Em todos os casos referidos, o desafio será, ao final, distinguir entre os saberes que caracterizam o destinatário dessas notícias e aqueles que se atribuem necessariamente ao sobredestinatário, em sua missão de uma compreensão mais plena do dito. Para tal, passemos à leitura das quatro diferentes manifestações do tema da Covid no *cópus*.

UMA PRESENÇA PREVISÍVEL: NOTÍCIAS CENTRADAS NO RELATO DA PANDEMIA

Este é o caso de textos que tratam explicitamente da pandemia, trazendo dados estatísticos sobre a propagação da doença, depoimentos do corpo médico, informações sobre o vírus e etapas de tratamento etc. É o que se constata em textos de *O Globo* introduzidos pelas seguintes manchetes: Epidemia desacelera em capitais (p.12), Volta às aulas em debate (p.13), País não rastreia contatos de infectados como deveria (p.13), Brasil chega a quase 29 mil mortos por Covid-19 (p.14), Cálculos ajudam governos e hospitais a enfrentar a Covid-19 (p.16), Dilema cardíaco (p.17), publicidade de um robô (p.17), Voluntariado *on-line* (p.23), Imune à recessão o campo salva a lavoura (p.25),

Planos de Saúde - ANS inclui 6 testes para Covid no rol (p.29), Europeus pedem que Trump reconsidere decisão de sair da OMS (p.31), Obituário – Evaldo Gouveia / Referência da era de ouro do rádio (Segundo Caderno, p.6). Notícias da mesma ordem figuram na *Folha*: Entre o vírus e o poder (p.A2), Qual é o próximo passo no combate à pandemia? (p.A3), Falas incoerentes levam a incertezas sobre vírus (p.B5).

Acrescente-se que, em ambos os jornais, verificou-se um tríplice modo de referência à doença: a Covid-19 (ou covid-19, em minúsculas), quando se considera implícita a palavra “doença”, do gênero feminino; o coronavírus, gênero masculino, agente causador da doença que a referencia metonimicamente; sem o emprego de artigos, em sintagmas como “portador de Covid-19”, “morte por Covid-19”, “teste para Covid-19”.

UMA PRESENÇA ARTICULADA DA PANDEMIA DE COVID-19: O ENCONTRO DE UMA CRISE SANITÁRIA QUE MOBILIZA SETORES ECONÔMICOS E INSTÂNCIAS GOVERNAMENTAIS⁵

Nessa modalidade de relato, fala-se ainda objetivamente da Covid, mas a tônica passa a ser a reiteração de um vínculo entre pandemia, bases neoliberais da economia e governo: fronteiras entre esses três espaços se dissolvem, formando-se um único território⁶.

Se falamos de recorrência da referida articulação, isso se deve aos quantitativos localizados na edição dos dois jornais: em *O Globo*, 21 ocorrências; na *Folha*, 14. Transcrevem-se a seguir trechos de *O Globo* ilustrativos do referido vínculo:

⁵ A presença da referida articulação também será atestada para além das margens dos jornais, em entrevistas feitas por outros veículos com pensadores diversos que apresentaremos ao final de 3.2 (N. Chomsky, Mia Couto, J. Butler, A. Mbembe, D. Harvey, S. Žižek . B.-C. Han, V. Safatle).

⁶ Como critério de seleção de tais espaços, decidiu-se que seriam depreendidos os trechos em que figurassem em um mesmo parágrafo os três temas: referência simultânea à doença, a condições econômicas e a algum representante do governo.

(i) Um país fora de foco

Apesar desses números [30 mil vidas perdidas], os governos de Rio e São Paulo acabam de divulgar planos de reabertura da economia. Os anúncios preocuparam médicos e cientistas que acompanham as curvas de contágio (Franco, 2020, p.3).

(ii) Encontro marcado

(...) ameaçando a Justiça com a hipótese de um golpe de generais no meio de uma pandemia e no início de uma recessão, Bolsonaro entroniza-se como encarnação da instabilidade política, econômica e sanitária (Gaspari, 2020, p.10).

Seguem trechos do mesmo tipo na *Folha de S. Paulo*:

(iii) Entre o vírus e o poder

Em dois minutos, o presidente expôs as razões da negligência do governo diante do coronavírus. Bolsonaro orientou sua equipe a trabalhar contra as ações para frear a disseminação da doença por acreditar que os efeitos econômicos da crise podem favorecer políticos de oposição (Boghossian, 2020, p.A2).

(iv) Quando a manicure ouve o plano Guedes

O que o governo pensa em fazer para tirar o país da depressão da epidemia? Nada além do que fantasiava, tentava, pretendia ou prometia fazer antes da epidemia. É o que tem dito Paulo Guedes e foi o que disseram seus economistas ao comentar o PIB do primeiro trimestre (Torres Freire, 2020, p.A19).

A articulação dos três planos – saúde, economia, governo – não parece ser casual, uma vez que em outros espaços ela também está presente. Com efeito, entrevistas realizadas com artistas e cientistas no Brasil e no estrangeiro reafirmam essa tendência: Noam Chomsky se refere aos “sociopatas da Casa Branca” e vê na pandemia “outra falha em massa e colossal da versão neoliberal do capitalismo” (Sato, 2020); com Mia Couto, escritor e biólogo moçambicano, a trilogia vírus – Estado – neoliberalismo é sempre explícita (Brasil, 2020); o depoimento de Judith Butler, além de apontar a referida articulação, enfatiza uma ética e uma política de não violência visando à igualdade social (Wade, 2020); Achille Mbembe estabelece uma relação direta entre uma necropolítica e as ações governamentais que, em plena crise, concedem destaque ao plano econômico (Bercito, 2020); em comentário referente a seu novo *e-book*, intitulado *A cruel pedagogia*

do vírus, Boaventura de Sousa Santos procede a “uma didática argumentação sobre os desdobramentos da pandemia do coronavírus à luz da situação política e econômica dos últimos anos” (Boitempo, 2020); para o filósofo Byung-Chul Han, “nem mesmo a “gripe espanhola”, que foi muito mais letal, teve efeitos tão devastadores sobre a economia. (...) Por que o mundo reage com um pânico tão desmesurado a um vírus? Emmanuel Macron fala até de guerra e do inimigo invisível que precisamos derrotar.” (Han, 2020); com Vladimir Safatle, a ênfase recai sobre um governo cuja virulência “molda sujeitos” e, em consonância com a “conhecida máquina necropolítica do estado brasileiro”, sustenta a “indiferença das classes mais altas ao destino e às chacinas perpetradas contra as classes vulneráveis” (Safatle, 2020).

As citações feitas no parágrafo anterior já seriam talvez suficientes para reafirmar, em relação à pandemia de Covid-19, uma perspectiva biopolítica, entendida como “a maneira pela qual, a partir do século XVIII, se buscou racionalizar os problemas colocados para a prática governamental pelos fenômenos próprios de um conjunto de viventes enquanto população: saúde, higiene, natalidade, longevidade, raça.” (Castro, 2009, p.59-60). Dois últimos depoimentos ratificam a mesma posição. Slavoj Žižek denuncia os efeitos de políticas governamentais que, em tempos de pandemia, respondem por uma realidade social onde uma nova classe trabalhadora altamente generificada, racializada e etnicizada se posiciona na linha de frente do capitalismo contemporâneo (Žižek, 2020). Para concluir o longo exercício de intertextualidade com depoimentos que reafirmam o encontro de questões sanitárias, econômicas e governamentais, David Harvey, pensando em governos como o estadunidense, aponta os desafios de uma “nova classe trabalhadora” do capitalismo contemporâneo, cujos integrantes “são os mais expostos ao risco de contrair o vírus ao realizarem seus trabalhos, e ao mesmo tempo os mais propensos a serem demitidos sem nenhuma compensação por conta das medidas de contenção econômica introduzidas pelo vírus.” (Harvwy, 2020).

**UMA PRESENÇA IMPREVISÍVEL: O VÍRUS OCUPA TODOS OS ESPAÇOS,
IMISCUINDO-SE NOS MAIS DIVERSOS TEMAS**

Numa relação de ordem metafórica, o jornal se torna um microuniverso invadido pelo vírus: editoriais, notícias, crônicas, tirinhas, entrevistas etc., todos os espaços se tornam porta-vozes dos danos decorrentes da pandemia. Uma verdadeira “infodemia” (Priberam, 2020), no sentido de excessiva quantidade de informação sobre o tema – a “pandemia enunciativa” de covid-19 – vem garantir uma novidade em diferentes níveis: os textos jornalísticos ganham novos perfis e, para além do que se poderia prever, vão sendo invadidos pelo tema. Com efeito, em *O Globo*, uma reportagem sobre a emissão humorística de televisão “Escolinha do Professor Raimundo” indica que, quase 70 anos após sua estreia, o programa retorna às suas origens por força da pandemia de Covid-19; ao falar do novo álbum da cantora Mahmundi, intitulado “Mundo Novo”, explicita-se que não se trata de obra voltada para a pandemia de Covid-19 ou para a quarentena; já na *Folha de S. Paulo*, notícia sobre os protestos pelo fim da violência policial nos Estados Unidos que foi responsável pelo assassinato de George Floyd lembra que as manifestações acontecem na semana em que as mortes por Covid-19 ultrapassam a marca dos cem mil no país; já no Brasil, ao se anunciar que os brasileiros rejeitam a fala de Bolsonaro sobre a necessidade de armar a população, não se omite o fato de que a pesquisa Datafolha foi realizada por telefone em razão da pandemia. Do ponto de vista quantitativo, foram localizados 25 trechos em *O Globo* e 30 na *Folha* que correspondem ao referido perfil de invasão do tema Covid-19 em notícias nas quais sua presença é inusitada e, no mínimo, dispensável. À guisa de exemplificação, seguem dois trechos de cada jornal. Em *O Globo*:

(v) Vítima de racismo receberá livros da ABL

A mensagem que eu mandaria para esses racistas é: parem de mandar ódio para as pessoas. Melhorem, porque o mundo está precisando de mais energias boas nesta pandemia – afirma [Adriel] (Torres & Barbosa, 2020, p.6).

(vi) Publicidade Palmeira Tintas
Fique em casa e experimente
Pinturaterapia
A Palmeira Tintas entende que o momento é de união
Faça seu pedido pelo telefone ou /whatsApp de uma de
Nossas lojas e receba seus produtos sem sair de casa
(Palmeira, 2020, p.04).

Exemplos na *Folha de S. Paulo*:

Notícia sobre aves migratórias
Enquanto boa parte dos humanos estão em quarentena, muitas aves migram em busca de temperaturas mais amenas e alimento, explica o biólogo e ornitólogo (especialista em aves) Fabio Schunck (Henriques, 2020, p.B16).

(viii) Mistérios do futebol
Domingo de tragédias. Além do constante aumento do número de infectados e de mortos e dos graves problemas políticos e econômicos que vive o país, poderemos ver, mais uma vez, o 7 a 1, pelo SporTV. Vou tentar entender um pouco melhor o resultado, embora muitas coisas na vida não tenham explicação, acontecem (Tostão, 2020, p.B8).

UMA PRESENÇA CRIADORA: GÊNEROS DISCURSIVOS E/OU SEÇÕES DOS JORNAIS EM RENOVAÇÃO

Vimos em 3.3 que a presença do tema Covid-19 ultrapassa os espaços que lhe são especificamente reservados, infiltrando-se em debates onde menos seria esperado. Para além disso, também se renomeiam ou se recriam “novos cadernos” nos cotidianos, justapondo-se, em geral, a designação “coronavírus” ou equivalente a títulos já conhecidos. Em *O Globo*: Caderno Especial Coronavírus; Segundo Caderno em Quarentena; Rio Show no sofá. Na *Folha de S. Paulo*: Poder Coronavírus; Mundo coronavírus, Mercado coronavírus; Saúde coronavírus; Ilustrada coronavírus.

Observam-se a seguir três modalidades de “alargamento” de matérias que passam a ser contempladas: em 3.4.1, novos gêneros discursivos se (re)criam nos jornais e na

televisão, a exemplo das *lives* e dos relatos de vidas que se extinguem com a doença; em 3.4.2, gêneros já existentes se renovam ao serem convocados em função da pandemia, a exemplo das entrevistas com um escritor britânico, um ator e um professor de filosofia brasileiros; em 3.4.3, acontecimentos que nunca foram notícia passam a ganhar expressão em tempos de pandemia.

A (RE)CRIAÇÃO DE GÊNEROS: *LIVES* E “RELATOS DE VIDA”

Começamos pelo que aqui se denomina “relatos de vida”: textos que tematizam a vida de pessoas geralmente desconhecidas que faleceram em decorrência do vírus – o que fizeram, como viveram, suas principais realizações etc. –, temática muito habitualmente explorada em conversas por ocasião do falecimento de alguém e que passa a integrar uma nova seção nos jornais. A novidade de tais gêneros se explica precisamente pelo fato de se tratar de personagens anônimos. Por isso, falaremos não de um mesmo gênero que se atualiza em diferentes suportes, mas da construção de um novo perfil de enunciado, que traz a marca dos gêneros secundários, por perderem “(...) sua relação imediata com a realidade existente (...)” (Bakhtin, 1992, p.281[1979]). Observe-se ainda que um mesmo tipo de texto sobre vidas que se extinguíram também aparece na televisão, interpretado por artistas no intervalo entre emissões.

Assim é que, na *Folha de S. Paulo*, a notícia intitulada “Aqueles que perdemos” ocupa toda a página do jornal para fazer um relato de seis vítimas de Covid-19: dois frades, um piloto de automóveis, um empresário, um advogado e um professor de teatro. Em *O Globo*, “Histórias por trás dos números” apresenta uma síntese da vida de sete brasileiros que tinham em comum o fato de já terem completado cem anos quando foram vitimados pela Covid-19. Segue fragmento ilustrativo:

(ix) Vidas centenárias interrompidas pela Covid-19
Brasileiros que superaram epidemia como a gripe espanhola e
H1N1 não resistiram ao novo coronavírus. (...)
Gracinda dos Santos
109 anos

A idade nunca foi o limite para dona Gracinda, apaixonada por dança. As pernas nunca cansavam. Morreu em Belém (Oliva, 2020, p.15).

Uma outra modalidade de gênero que se inaugura na imprensa são os anúncios de *lives*, a exemplo das seções “Lives para curtir hoje”, no Segundo Caderno de *O Globo*; com função semelhante, tem-se ainda a seção “É hoje em casa”, na *Folha*, que, com o subtítulo “Conteúdos para serem consumidos na quarentena”, informa sobre espetáculo musical e cinema. Caracterizam-se como serviços de utilidade pública, uma vez que, interditado o funcionamento de teatros e casas de shows, trata-se de espetáculos para serem assistidos em casa, transmitidos pela televisão, *Youtube*, *Facebook*, sendo muitos deles realizados na própria residência dos artistas.

(x) Festival PopLine - Com mais de dez horas de transmissão e com a presença de 80 artistas, o evento apoia uma campanha para produção de máscaras para as cidades mais atingidas pela Covid-19 no Brasil. Pede-se a colaboração de R\$10. Entre as atrações, Anavitória, Preta Gil, Ludmilla, Claudia Leitte e Pabllo Vittar. Às 14 h, no YouTube. (Lives, 2020, p.4)

(xi) Mostra Silvio Tendler – O evento aconteceria em março e precisou ser cancelado por causa da pandemia (Lives, 2020, p.4).

GÊNEROS CLÁSSICOS CONVOCADOS EM FUNÇÃO EXCLUSIVAMENTE DA PANDEMIA

Uma prática languageira que parece ganhar uma certa regularidade é a realização de entrevistas cujo objetivo exclusivo é a exploração de ideias sobre a pandemia, isto é, a exposição do modo como as pessoas têm-se organizado diante dos novos limites impostos às suas vidas. É o que ocorre no Segundo Caderno de *O Globo*, introduzido por uma entrevista intitulada “Dores contemporâneas”, com o escritor britânico David Nicholls (em dois trechos da entrevista faz-se referência à pandemia), e também na *Folha de S. Paulo*, em entrevista com o ator Marcelo Serrado, intitulada “A vida vai ter que

continuar; temos que estar preparados” (totalizando 9 trechos mencionando a pandemia).
Seguem excertos dessas entrevistas:

(xii) introdução à entrevista com David Nicholls
BRITÂNICO explora as angústias e paixões adolescentes em novo livro e prevê que, ao fim da pandemia, o mundo deve entrar “numa era de contato físico selvagem e decadente” (Gabriel, 2020, p.1).

Ratificando o fato de que a entrevista parece ser realizada apenas em função do episódio pandemia, observe-se que, das sete perguntas formuladas ao escritor, quatro estão voltadas para o tema:

(xiii) Como você passou a quarentena?
Shakespeare criou clássicos durante surtos de peste bubônica. A pandemia pode inspirar escritores?
Dá para escrever histórias de amor com isolamento social?
Você é um entusiasta das livrarias de rua. Como gostaria que seus leitores as apoiassem na quarentena?
(Gabriel, 2020, p.1).

Segue, a título de exemplificação, trecho da entrevista com o ator Marcelo Serrado voltado para a mesma temática:

(xiv) Todas as quartas-feiras desde o início da quarentena o ator Marcelo Serrado tem se reunido com amigos em videoconferências para conversar sobre a vida (...)
Paternidade, inclusive, é o tema de uma peça que ele começou a escrever no início da pandemia (Bergamo, 2020, p.B10).

MATÉRIAS CUJA RELEVÂNCIA SÓ SE JUSTIFICA EM FUNÇÃO DA PANDEMIA

Tanto na *Folha* como em *O Globo*, deparamos com matérias que se tornam notícias apenas em função da pandemia de Covid-19. Afinal, quando se poderia imaginar

que viriam a constituir “notícias” o cotidiano de funcionamento de um condomínio, o comércio de máscaras de proteção realizado por um vendedor ambulante, ou ainda a mudança de rotina de um hotel no Rio de Janeiro que passa a oferecer moradia temporária a quem não pode estar em contato com familiares devido à pandemia? Seguem dois trechos ilustrativos:

(xv) Nova rotina no icônico edifício Copan retrata o desafio de viver na pandemia
Desde o início da quarentena, [o encanador do edifício] já percorreu mais de 2.000 quilômetros (Lemos, 2020, p.A20).

(xvi) O novo normal do Rio
Por falar em Ipanema, este ambulante na Vieira Souto mudou de ramo. De óculos e protetor solar passou a vender ... máscaras. Faz sentido (Gois, 2020, p.14).

À GUIA DE VALIDAÇÃO DOS RESULTADOS ALCANÇADOS

Como se se tratasse de uma etapa de controle da pesquisa relatada, ou minimamente da ratificação do interesse do estudo de caso realizado, procedeu-se recentemente a uma nova consulta aos cotidianos trabalhados. Buscando garantir um critério de comparabilidade desejável com o que se havia observado em *O Globo* e na *Folha de S. Paulo* de 31 de maio de 2020, a nova etapa de consulta se centrou nos mesmos cotidianos e em momento paralelo, a saber, foram observados os jornais do último domingo do mês de maio de 2022. Desse modo, adotou-se a mesma atitude de curiosidade em relação a jornais de dois anos mais tarde, quando o tema dominante nas mídias já não era a Covid-19, mas sim as eleições agendadas para outubro daquele mesmo ano de 2022. Com efeito, vivia-se então um período de relativo controle da pandemia: uma quarta dose da vacina era oferecida à população com mais de 60 anos, as manifestações da doença eram bem mais brandas, com acentuada queda no registro de mortes, ainda que permanecesse o risco de uma nova onda da doença. Desse modo, era esperado, certamente, um deslocamento da temática central de ambos os cotidianos, rarefazendo-se

as matérias referentes à Covid-19 em proveito da tematização das eleições a se realizarem no Brasil em outubro de 2022, em especial, a eleição presidencial. O que surpreende, porém, são as alterações de um certo modo de enunciação dos jornais de 2022, segundo abordaremos adiante.

Conforme dito, tornam-se raras as matérias centradas diretamente no debate sobre pandemia, em comparação com os resultados referentes aos jornais de 2020, cujos resultados apresentamos em 3.1: em 2022, apenas 4 notícias, na *Folha*, e 2, em *O Globo*, tratam objetivamente do tema da Covid-19. A mesma rarefação é verificada em relação às articulações que tratamos em 3.2: apenas 4 casos de triangulação pandemia-economia-governo são detectados, sendo 2 em cada jornal.

Se o deslocamento do tema da Covid já era algo que se previa, o que é novo, na realidade, é a alteração do que se denominou modo de enunciação dos jornais. Os cotidianos parecem se afastar de uma certa configuração que os identificava em 2020, a qual abordamos em 3.3 e 3.4. Um primeiro ponto de alteração reside no que descrevemos em 3.3, quando a matéria em foco (a pandemia de Covid-19) se imiscuía por todos os lados, “invadindo” outras matérias que não mantinham nenhum contato com o tema. O modo de construção dessas matérias simplesmente desaparece nas edições analisadas de 2022: se o tema da Covid-19 invadia o espaço de muitas outras matérias, o tema das eleições fica circunscrito às notícias destinadas a falar acerca do tópico. É certo que se noticiam ainda detalhes referentes à pandemia em outras matérias ao longo dos cotidianos, porém, de modo já bastante escasso e, diremos, apenas como detalhe. Cito como exemplo a entrevista com a artista plástica Pinky Wainer, que, ocupando toda uma página da *Folha de S. Paulo*, se conclui com a seguinte reflexão da entrevistada: “O futuro é sempre inesperado. Você pode inventar o que quiser, mas você não sabe [o que vai acontecer]. A pandemia é um bom, exemplo. De repente, o imponderável.” (Bergamo, 2022).

O mesmo poderá ser dito em relação às três diferentes categorias de matérias elencadas em 3.4. Com efeito, não foi possível localizar nos exemplares de 2022 o que chamamos de “gêneros recriados” (como os descritos em 3.4.1), nem a convocação de

gêneros já conhecidos que, com um certo grau de artificialidade, justificavam sua presença apenas em função da pandemia (3.4.2). Quanto às matérias que acabavam ganhando importância tão somente com a finalidade de trazerem à cena o tema da pandemia (3.4.3), pode-se dizer que são apagadas, restando, no máximo, uma única notícia na *Folha*, intitulada “Idosos das periferias de SP voltam a dançar após vacinação” (Silva, 2022).

Pelo exposto, tudo parece nos conduzir à conclusão de que o modo de enunciação dos fenômenos descritos na imprensa de dois anos atrás, com suas inovações em termos de recurso a gêneros que se (re)criam e a tematizações incomuns que passam a habitar as páginas dos cotidianos, é efeito de uma situação realmente excepcional – uma pandemia como há muito não se via. Os dois jornais daquele ano de 2020 apresentam então, do ponto de vista enunciativo, uma feição muito própria que parece se manter em harmonia com o momento então retratado, um momento que coincidiu com a ascensão – e a amarga surpresa - da pandemia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: (IN)CONCLUSÕES

Como foi visto, cartografar a presença da Covid-19 nos jornais analisados de maio de 2020 compreendeu a ocupação de espaços variados, dos mais previsíveis, objetivos (notícias reunidas em 3.1) e articulados em rede (3.2) aos mais improváveis, quando a pandemia parecia se tornar infodemia (3.3) ou se apresentava em articulações diversas e inusitadas (3.4).

Tendo em vista nossa convicção de que, se as práticas linguageiras possuem um poder de representação da realidade, este não é o traço que mais centralmente as caracteriza, diremos que os textos publicados nesses jornais se alteram e, em aliança com a evidência da letalidade do vírus, intervêm na produção do sentido de urgência que representa a única chance de combate ao flagelo da Covid-19 – observação que, certamente, vem cancelar a novidade de muitos gêneros discursivos presentes nos jornais, e também a renovação de temas tratados em gêneros já clássicos.

Conforme anunciado no início deste trabalho, não havia um projeto de comparação entre matérias de *O Globo* e da *Folha*. No entanto, o estudo de caso empreendido revelou um forte paralelismo entre os jornais de 2020, o que, por uma ótica cartográfica, demonstra que as forças atuantes em ambos são muito próximas. Sobre essas forças, pôde-se, por exemplo, constatar que a articulação entre pandemia, economia e governo explorada nos dois jornais (item 3.2) se apresentava também em matérias de outras mídias, em entrevistas com personalidades do mundo acadêmico e artístico.

Com efeito, por todo o exposto, o destinatário dos textos veiculados – o “segundo”, na terminologia de Bakhtin – parece deter saberes acerca da Covid-19 como os que se seguem: (i) ela é uma doença (dito objetivado) que invade todos os espaços; (ii) é complexa e exige parcerias sanitárias e econômicas, com apoio governamental; (iii) é capaz de alterar significativamente o que está instituído no cotidiano das populações. Porém, se acompanhamos Bakhtin no que diz respeito à evidência de uma compreensão sempre parcial desse segundo, qual será o lugar que se prevê para o sobredestinatário desses discursos, o terceiro virtual a quem o enunciador se dirige em seu desejo de ter sua palavra compreendida e correspondida? O que é que apenas ele pode garantir, “preenchendo as lacunas” deixadas pelo destinatário?

No conjunto das notícias de que tratamos em cada uma das quatro subdivisões do terceiro tópico, e considerando a polarização então verificada no país entre ciência e negacionismo,⁷ os textos veiculados nesses periódicos parecem compartilhar uma mesma imagem de sobredestinatário que assim se apresenta: com o olhar sempre atento em direção a inquietantes alterações de seu entorno, um sobredestinatário que manifesta afinidades com um discurso da ciência, cuja missão é zelar por um coletivo formado de

⁷ Em notícia difundida pelo portal de notícias G1 em 26/05/2020, intitulada “O Brasil isolado do mundo”, anuncia-se decisão do presidente Donald Trump de impedir a entrada em território norte-americano de pessoas, brasileiras ou não, que tivessem estado nos últimos 14 dias em território brasileiro, com exceção de cidadãos estadunidenses. O motivo era a condição da América do Sul como novo epicentro da pandemia naquele momento, segundo a OMS, “com o Brasil como carro-chefe em números e também na reprovação internacional ao desempenho do governo” (G1, 2020). Entrevistado pelo G1, o jornalista Marcelo Lins lembra a polarização naquela ocasião entre proatividade versus negacionismo no combate à pandemia, com o presidente brasileiro, Jair Bolsonaro, assumindo posições de ataque à ciência e participando em eventos promotores de aglomeração e pouca empatia em relação a casos de Covid-19.

pessoas comuns que inspiram cuidado diante dos altos índices de mortalidade já atingidos, em firme postura antinegacionista. Esse terceiro que toma parte na interlocução estabelecida entre os jornais e seus leitores dá provas de uma consciência ético-política com foco no plano social, posição regularmente associada a um coletivo situado mais à esquerda do espectro político e, por isso, recusa-se a tratar isoladamente o fenômeno Covid, cobrando medidas sanitárias que se encontram na dependência de atitudes assumidas pelo governo⁸. Um sobredestinatário que parece, desse modo, promover a construção de uma consciência coletiva frente ao perigo, aproximando-se, assim, do sentimento experimentado pelo narrador de A. Camus, autor já reencontrado na epígrafe deste trabalho, em seu confronto com um outro tipo de flagelo descrito em *A Peste*: “... a peste tinha se apossado de tudo. Não mais havia então destinos individuais, mas uma história coletiva que era a peste e sentimentos compartilhados por todos”⁹ (Camus, 1947, p.156, tradução nossa).

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1986[1929].

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. Tradução a partir do francês de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992[1979].

BERCITO, D. Pandemia democratizou poder de matar, diz autor da teoria da “necropolítica”. **Folha de S. Paulo**. 30 mar 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/03/pandemia-democratizou-poder-de-matar-diz-autor-da-teoria-da-necropolitica.shtml>. Acesso em: 19 jun. 2020.

⁸ A convocação de uma tal imagem de sobredestinatário era absolutamente necessária para convencer a população exposta a sérios riscos que a perspectiva negacionista insistia em não reconhecer. Necessidade ratificada diante da urgência de medidas preventivas como o porte de máscara e, posteriormente, a vacinação.

⁹ “... la peste avait tout recouvert. Il n’y avait plus alors de destins individuels, mais une histoire collective qui était la peste et des sentiments partagés par tous.”

BERGAMO, M. “Marcelo Serrado – A vida vai ter que continuar; temos que estar preparados”. **Folha de S. Paulo**, Ilustrada coronavírus, São Paulo, 31/05/2020, p. B10.

BERGAMO, M. “Pinky Wainer – A mulher artista depois dos 40 vive no limbo”. **Folha de S. Paulo**, Ilustríssima, São Paulo, 29/05/20220, p. C2.

BOGHOSSIAN, B. “Entre o vírus e o poder”. **Folha de S. Paulo**, 31/05/2020, Caderno Opinião, São Paulo, p. A2.

BOITEMPO. **A cruel pedagogia do vírus**. Autor: Boaventura de Sousa Santos. Disponível em: <https://www.boitempoeditorial.com.br/produto/e-a-cruel-pedagogia-do-virus-958>. Acesso em: 19 jun. 2020.

BRASIL, U. Mía Couto: "O vírus não pode ser o vilão da história". **Terra**, 13 maio 2020. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/coronavirus/mia-couto-o-virus-nao-pode-ser-o-vilao-da-historia,59daab636834a9cd510e2e766a449192y1qouhg9.html>. Acesso em: 19 jun 2020.

CASTRO, E. **Vocabulário de Foucault** – um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Tradução de Ingrid M. Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CAMUS, A. **La Peste**. Paris: Gallimard, 1947:203. Disponível em: <http://www.anthropomada.com/bibliotheque/CAMUS-La-peste.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2020.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs** – Capitalismo e Esquizofrenia, vol. 1. Tradução de Aurélio Guerra e Célia P. Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995[1980]). (Coleção TRANS).

DEUSDARÁ, B.; ROCHA, D. **Análise Cartográfica do Discurso**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2021.

FRANCO, B. M. “Um país fora de foco”. **O Globo**, 31/05/2020, Caderno Opinião, Rio de Janeiro, p.7.

G1. “O Brasil isolado do mundo”, 26 de maio de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/agenda-do-dia/noticia/2020/05/26/26-de-maio-terca-feira.ghtml>. Acesso em: 02 abr. 2022.

GABRIEL, R. de S. “David Nicholls / Escritor – Dores contemporâneas”. **O Globo**, 31/05/2020, Segundo Caderno em quarentena, Rio de Janeiro, p.1.

GASPARI, E. “Encontro marcado”. *O Globo*, 31/05/2020, Caderno País, Rio de Janeiro, p.10.

GOIS, A. “O novo normal no Rio”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 31/05/2020, Caderno Especial Coronavírus, p.14.

HAN, B.-C. O coronavírus de hoje e o mundo de amanhã, segundo o filósofo Byung-Chul Han. **El País**. 22 mar 2020. **Caderno Ideas**. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/ideas/2020-03-22/o-coronavirus-de-hoje-e-o-mundo-de-amanha-segundo-o-filosofo-byung-chul-han.html>. Acesso em: 19 jun. 2020.

HARVEY, D. **Anticapitalismo em tempos de pandemia**: marxismo e ação coletiva (e-book). Tradução de Artur Renzo. São Paulo: Boitempo, 2020. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2020/05/01/zizek-o-1o-de-maio-em-um-mundo-viral/>. Acesso em: 19 jun. 2020.

HENRIQUES, V. “Fugindo do frio do sul do país e da Argentina, aves migratórias chegam a SP”. **Folha de S. Paulo**, 31/05/2020, Cotidiano, São Paulo, p. B16.

LEMOS, A. “Nova rotina no icônico edifício Copan retrata o desafio de viver na pandemia”. **Folha de S. Paulo**, 31/05/2020, São Paulo, p. A20.

LIVES PARA CURTIR HOJE. **O Globo**, 31/05/2020, Rio de Janeiro, Segundo Caderno, p.4.

MAINGUENEAU, D. **Discurso e Análise do Discurso**. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, (2015[2014]).

OLIVA, G. “Vidas centenárias interrompidas pela Covid-19”. **O Globo**, 31/05/2020, Rio de Janeiro, 31 maio 2020, Caderno Especial Coronavírus, p.15.

PALMEIRA TINTAS (publicidade). **O Globo**, Rio de Janeiro, 31/05/2020, Caderno Classificados, p.04.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L da. **Pistas do método da cartografia – pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina 2010.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO, S. **Pistas do método da cartografia – a experiência da pesquisa e o plano comum**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

PRIBERAM - **Dicionário On-line de Português Contemporâneo**. Disponível em: dicionario.priberam.org/covid-19. Acesso em: 20 set. 2020.

SAFATLE, V. Preparar-se para a guerra. **El País**. 20 abr 2020. Caderno Opinião. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/opinion/2020-04-20/preparar-se-para-a-guerra.html?event=go&o=cerrbr> Acesso em: 19 jun. 2020.

SATO, F. Noam Chomsky: os sociopatas da casa Branca estão levando o país à destruição. **Jornalistas Livres**. 25 abr. 2020. Disponível em: <https://jornalistaslivres.org/noam-chomsky-os-sociopatas-da-casa-branca-estao-levando-o-pais-a-destruicao/> Acesso em: 13 jun. 2020.

SILVA, J. M. da. “Idosos das periferias de SP voltam a dançar após vacinação”. **Folha de S. Paulo**, 29/05/2022, Cotidiano, São Paulo, p. B3.

TORRES, B.; BARBOSA, D. “Vítima de racismo receberá livros da ABL”. **O Globo**, 31/05/2020, Segundo caderno, Rio de Janeiro, p. 6.

TORRES FREIRE, V. “Quando a manicure ouve o plano Guedes”. **Folha de S. Paulo**, 31/05/2020, Caderno Mercado Coronavírus, São Paulo, p. A19.

TOSTÃO. “Mistérios do futebol”. **Folha de S. Paulo**, 31/05/2020, São Paulo, Caderno Cotidiano, p. B8.

VOLOSHINOV, V. La structure de l’énoncé. *In* : TODOROV, T. **Mikhaïl Bakhtine – le principe dialogique**. Paris: Seuil, 1981.

WADE, F. Judith Butler on the Violence of Neglect Amid a Health Crisis. **The Nation**. 13 maio 2020. Disponível em: <https://www.thenation.com/article/culture/judith-butler-force-of-nonviolence-interview/> Acesso em: 19 jun. 2020.

ŽIŽEK, S. **A pandemia e a nova classe trabalhadora**. Boitempo (blog). 01 maio 2020. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2020/05/01/zizek-o-1o-de-maio-em-um-mundo-viral/> Acesso em: 19 jun. 2020.

Data de recebimento: 24/06/2022
Data de aprovação: 10/07/2023